

# Versos à sombra de um poeta

Padrinho o patrono? O padrinho que é patrono.

Punhal de prata

sem prazo nem data

que me mata

e que sempre se acata

mergulhando na alma

e na carne que acicata

Punhal de prata

quem se percata

Punhal de prata

Punhal de prata

mesmo sem errata

que me retrata

todo o nó desata.

Punhal de prata

E com golpe profundo

A medida exacta

a vida me arrebatata

do sonho desfeito

em incerta data

Punhal de prata.

Que luta insensata

O canto de outrora  
nas palavras de hoje.  
Do mundo presente  
sempre algo me foge.

Na vida em que vicejo  
Tenho estranhos momentos.  
Em cada hora revejo  
Flutuantes pensamentos.

Não tenho mais pedidos  
Nem desejos escondidos  
Nem desígnio obscuro.



Encontro com o lilás

# Sonhos

Tudo é e não é.  
Tudo é sonho de um sonho.  
De certo nada disponho  
Nem posso fazer fé.

Dia que começa e acaba  
Apontando ao futuro.  
Dia de longa meada  
Que se tece com apuro.  
Vida que por mim passas  
Meus sonhos não desfaças  
Que me deixas inseguro

## No ar...

No ar sereno  
A luz brilha  
Na ilha  
Em tempo ameno.  
O sol em pleno  
destila  
E fervilha  
No terreno.  
Tanta luz

Tanta cor  
 No céu claro  
  
 Tanta cruz  
 Tanta dor  
 Sem amparo.



O sol brilhante  
 Ilumina  
 E fascina  
 A cada instante.  
  
 A mente pensante  
 Descortina  
 E não se confina  
 Ao passado distante.  
  
 O que permanece  
 É o sol da vida  
 Com seus cambiantes.

É quanto se oferece  
 E nos convida  
 A ser confiantes.

O sol ilumina  
 Tudo aquece  
 Tudo engrandece  
 E a mim me anima.

O sol fascina,  
 A terra floresce  
 E o mundo esquece  
 A dura sina

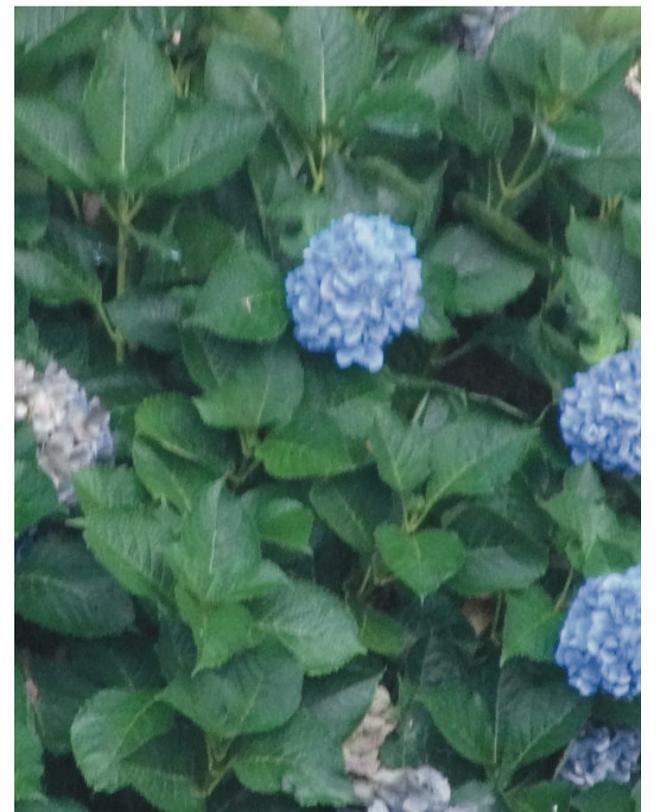
Horas fagueiras  
 Que correm felizes  
 E inspiram poetas.

Horas primeiras  
 Forças motrizes  
 Das almas despertas

## **Imenso mar**

Ali se há-de enterrar  
 O meu coração  
 Com unção

No imenso mar.  
  
 Ali se há-de encontrar  
 Em comunhão  
 O meu caixão  
 E o imenso mar.  
  
 Ali onde ele se quebra  
 Como em sua casa  
 O imenso mar.  
  
 Não será na pedra  
 Não será na campa rasa  
 Mas no imenso mar.



# Reviver

Reviver o passado  
 Na paz  
 Que traz  
 O tempo recordado.

A memória do passado  
 Faz  
 E refaz  
 Mesmo o facto olvidado.

Dias que passaram  
 Recordações que não esquecem  
 Da vida vivida.

Momentos que recuperam  
 As horas, na margem  
 Da experiência esquecida.

# Sonho

O mistério do sonho até  
 É algo de inenarrável.  
 Nem é manipulável



Na sombra do sonho que é.

Sonhos que vem e se esfumam

Mas regressam obsessivos.

E em novo sonho desaguam.

Sonho que outros sonhos impun-  
ham

Sempre vagos e imprecisos.

Sonhos que todo o sonho derrubam.

# O céu...

O céu lento

Vem devagar

Aumentar

O meu tormento.

E eu desespero

Sem coragem

Nem imagem

Do que quero.

Este céu

Já só continha

A nuvem escura

Como um véu

Que só retinha

Minha amargura.

## Canto longínquo

Canto longínquo

Triste e lento.

Som oblíquo

Como o vento.

Sentir profícuo

Em cada momento.

Veloz e ubíquo

E com sentimento.

Música da noite

Que se insinua

Grave e profunda.

Embora me acoite

À luz da lua

Na escuridão se afunda.

## Cheiro o vento

Cheiro o vento

Na exalação das ondas.



Ó mar não respondas

Ao tom do meu lamento.

Noite de luar

De frágil luz apenas

E por demais serena.

Eu mesmo tento

O sabor e os aromas

Logo que assomas

À felicidade que invento.

Dia de mar.



Horas supremas.

Tarde amena.

# Nevoeiro

Por cima

O nevoeiro acomoda

E tanto incomoda

Como desanima

Por dentro

O nevoeiro tanto corrói

Com destrói

Desde o centro

Por fora

A neblina baça

Sempre desfigura.

Na demora

O tempo passa

E tudo supura.



(Parafraseando Vitorino Nemésio)



A ilha ao longe.

Evocação de légua.

Oração sem trégua

Em jeito de monge.

Mesmo que a vida esponje

A neblina e as névoas

Sempre comigo levo-as

Como esculpidas em bronze.

Marcado horizonte

Na ilha de outrora.

A cada momento irrompe

O pão, a vaca, a fonte

Que me urgem agora

Como se os tivesse defronte.

## Aos ilhéus das cabras

(paráfrase a Vitorino Nemésio)

Estátua da nossa solidão

Arrancada às nossas entranhas.

Palmo de terra de coisas estranhas

Tão longe e tanto à mão.

Testemunha e negação

De forças tamanhas

Em que te despenhas  
 Num mar-inquietação.  
 Prova provada  
 Do nosso emparedamento  
 Num calhau atlântico.

Súmula assombrada  
 Em que toma assento  
 O nosso paredão oceânico.

# Degredo

Seja a terra degredo  
 E o céu destino  
 A que me confino  
 Sem sombra de medo

Não é segredo  
 Nem dom divino  
 Quanto ensino  
 E facilmente acedo  
 Nada invento  
 Nem presumo  
 Da luz da razão.

É o meu intento  
 Que assumo  
 Como aspiração.

O poeta tem o valor  
 Que lhe dá o fervor  
 De ser com o mesmo ardor  
 A criatura e o criador



# O poeta

O poeta é o portador  
 O poeta é um mostrador  
 O poeta é o carregador  
 Mas também o descobridor

Mas o poeta é mais  
 Pela palavra sublinhada  
 Ritmada e enobrecida  
 Ó poeta quanto sonhais  
 Traz a vida aprisionada  
 Em tantas letras, tantos sinais.

# O gesto

Dei ao meu gesto  
A cor do amanhecer.  
Para de tarde esquecer  
A cor e o resto.

Dei ao meu protesto  
A cor do anoitecer  
Para assim preencher  
O vazio manifesto.

As cores confundidas  
Entre a noite e a manhã  
São o quadro expressivo

Das tramas urdidadas  
Neste colorido afã  
Em que me desgasto e vivo.

# Chorar

Se existe um céu  
Para quem chora  
E se arvora  
Em contrito réu.

Se o mundo se abateu  
Como uma espora  
De toda a hora  
No pranto teu.

Então, só há que implorar  
Com fervor de crente  
E como quem adora.

E só resta aceitar  
Sofrido mas contente  
O chorar de agora.

# Desilusão

O sonho quebranta  
Este meu vão sofrer.  
E quase consigo vencer  
Este mundo que me espanta.

Na aurora que canta  
Logo pelo amanhecer  
É-me difícil entender  
Porque o mundo se alevanta.

Um vento húmido e frio  
Sopra sobre o meu sonho  
E desfaz toda a sedução

Não descanto e não rio  
E a fingir não me disponho  
Nem a disfarçar a desilusão.

Dionísio Sousa

